

## O SIGNIFICADO DE HOMEM EM MARTIN HEIDEGGER E O HUMANISMO OCIDENTAL

### THE MEANING OF MAN IN MARTIN HEIDEGGER AND THE WESTERN HUMANISM

José Arlindo de Aguiar Filho<sup>1</sup>

Alexandre Soares de Sousa<sup>2</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa de cunho teórico, visa abordar o significado de homem em Martin Heidegger em oposição ao humanismo ocidental que, de acordo com ele, se originou do platonismo. Isto significa que o filósofo alemão se encarregou de mostrar que a tradição filosófica advinda de Platão, até os dias de hoje, cometeu um grave erro ao tratar o ser humano apenas enquanto animal racional. Segundo Heidegger, isto desembocou na compreensão metafísica de homem que perpassou toda a história do ocidente. Esta posição ocasionou ao homem sua fragmentação, pois ele passou a ser compreendido e confundido com um ente ou coisa qualquer, gerando, por conseguinte, dois entendimentos: ôntico e ontológico, os quais se encontravam em conflito na *alegoria da caverna*. Heidegger, se referindo a esta atitude, menciona que o ser humano para ser ele próprio tem que estar, por sua vez, vinculado à compreensão da verdade ou ao sentido de ser, a saber, que o sentido ôntico não se desvencilha do sentido ontológico. A partir disto, não há outro significado para homem senão aquele que o mantém permanentemente ligado ao ser.

**Palavras-chave:** Platonismo. Humanismo. Metafísica. Martin Heidegger.

**ABSTRACT:** The present theoretical research aims to address the meaning of man in Martin Heidegger in opposition to the Western humanism that, according to him, originated from Platonism. This means that the German philosopher assumed a task of showing that the philosophical tradition from Plato to now made a mistake treating the human being only as a rational animal. According to Heidegger, this culminated in the metaphysical understanding of man that pervaded the whole history of the West. This position caused man's fragmentation, for he came to be understood, and confused, with an entity or something, thus generating two understandings: ontic and ontological, which were in conflict in the *cave allegory*. Heidegger, referring to this attitude, mentions that the human being, to be himself, has to be, in turn, linked to the understanding of the truth, or to the meaning of being, namely, that the ontic sense does not detach itself from the ontological sense. There is no other meaning for man other than that which keeps him permanently connected to being.

**Keywords:** Platonism. Humanism. Metaphysics. Martin Heidegger.

---

1 Doutor em Filosofia pelo Programa Integrado de Pós-Graduação (UFPB/UFPE/UFRN). Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UEPB. arlindoaguiar@bol.com.br

2 Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba. soaristao@gmail.com

Recebido em: 17 de maio de 2017, Aceito em: 30 de setembro de 2017.



## INTRODUÇÃO

Muitas foram as tentativas, ao longo da história, que discorreram no intuito de determinar um conceito para o homem. Não podemos esquecer que tais esforços tiveram um papel relevante na elaboração da noção de homem, posto que, foram essas tentativas, em primeiro lugar, que perscrutaram em torno do homem, resultando em conceitos para defini-lo. Isto se deve a uma tradição que sempre o concebeu à maneira de um ente ou coisa, ou melhor, confundiu o ente com o ser, dando a entender que o sentido do ente, que é ôntico, passasse pelo sentido do ser, que é ontológico.

Desse modo, as peculiaridades pertinentes ao ente misturaram-se às peculiaridades exclusivas do ser e, por este motivo, ambos passaram a significar a mesma coisa. Esta posição argumenta que o homem é um ente, como os demais, pertencente ao âmbito denominado metafísico. Desse campo de força entificante ele não consegue se libertar, porque o homem é mais um ente somado para compor a totalidade que é ser. Este é o modo que a metafísica<sup>3</sup> entendeu o ser e, por conseguinte, o homem.

Essa compreensão metafísica, além de reduzir e confundir o homem a

---

3 “De início temos de nos entender sobre a palavra “metafísica” e seu conceito. Decerto, em geral é conhecida; em todo caso, pode-se ler em todo manual de história da filosofia como surgiu o termo “metafísica”. Todavia, para a maior parte das pessoas, trata-se de uma curiosidade sem importância. Na verdade, porém, a história dessa palavra faz revelações sobre trechos da história do espírito ocidental. O termo compõe-se de duas palavras gregas: a preposição μετά e φύσις (φυσικός, φυσικά, substantivação de φυσικός, τὰ φυσικά). μετά como entre (μέσος = entre), atrás de, adiante de; μετά τὰ, post, depois, na sequência dos lugares e/ou do tempo. Depois de que? τὰ φυσικά; φύσις, natureza em geral o que se tem e está diante, o que é e está simplesmente sendo, o que surge e desaparece sem o concurso da ação e influência do homem. Caráter básico do movimento, corpos inanimados, estrelas, céu e, ao mesmo tempo, também o animado, nascer e perecer, movimento dos animais – tudo isto é physica. ‘Física’ também assim designada: ἐπιστήμη φυσική, num sentido mais amplo e fundamental do que hoje, φύσις é tudo que se faz por si mesmo – θέσις: a constituição e instituição feita pelo homem. Assim era no final do século IV a.C., quando a filosofia grega ultrapassou seu clímax, no tempo de Aristóteles. Seus escritos e preleções estavam desaparecidos até o primeiro século da era pré-cristã. Quando foram achados e começaram a ser classificados, distinguiram-se facilmente entre os outros, os escritos sobre τὰ φυσικά. Ao mesmo tempo, porém, encontravam-se tratados que pareciam, decerto, aparentados, mas não coincidiam até, de acordo com observações do próprio Aristóteles, distinguiam-se. Nesta perplexidade – onde colocá-los –, foram simplesmente ajuntados aos escritos da física. Entrementes, tinha-se entrado num outro tempo. Desapareceram grandeza e elã, tanto a originalidade do questionamento criador quanto da elaboração conceitual; abriu-se espaço para uma atividade de escola – só as palavras e os conceitos sobram, mas não a força estimulante da própria coisa. Encontraram-se, então, escritos, e buscava-se uma saída. Colocaram-se os escritos com os quais já não se sabia o que fazer na sequência dos escritos atrás e depois de τὰ φυσικά, μετά τὰ φυσικά. Assim μετά τὰ φυσικά é o título de uma perplexidade. Mais tarde, no tempo cristão – não sabemos precisamente quando nem por quem, talvez por Boécio – este conceito composto de classificação e perplexidade foi concentrado numa palavra e num termo latino: metaphysica, para se completar com scientia”. (HEIDEGGER, 2012a, p.35-36).



uma simples entidade, paradoxalmente, enaltece-o diante dos outros entes, colocando nele um componente que o diferencia das coisas. Este componente, diz respeito à razão, a saber, o fundamento que determina sua própria essência enquanto animal racional. Este diferencial e, concomitantemente referencial, torna-se parâmetro para boa parte da História da humanidade. Disto norteou-se e estruturou-se toda a tradição filosófica, melhor dizendo, a metafísica: advinda de Platão, Aristóteles, assumida pelo Cristianismo e ratificada pela ciência moderna-contemporânea.

Com essa maneira de pensar, isto é, com o pensamento metafísico, o homem, igualado a qualquer ente, sobressai-se, provocando sua saída, mesmo que momentânea, da totalidade, porque nele encontra-se a razão. A partir dessa posição, o homem separado da realidade totalizante que o cerca, intenciona compreendê-la. Este compreender, eleva-o a condição de animal racional. Esta forma de concebê-lo determinou-se em seu próprio conceito, revelando-nos que sua essência é ser dotado de razão.

Dessa busca em compreender ser e, ao mesmo tempo, compreender homem, é que o humanismo acorre ao fundamento metafísico. Nas palavras de Martin Heidegger (1967, p. 37), isto quer dizer: “toda determinação da essência do homem, que já pressupõe, em si mesma, uma interpretação do ente sem investigar – quer o saiba quer não – a questão sobre a verdade do ser, é metafísica”. Com esta postura, o filósofo atribui à metafísica os vários modos de interpretar o homem, baseando-se em sua essência universal, a saber, um animal racional.

### **1 Homem: Um animal a quem se acrescentou a razão?**

Para Heidegger (1967, p. 38), essa compreensão de que “o homem é considerado um *animal rationale* [...] não é apenas a tradução latina do *Zoon logon exon* grego mas também uma interpretação metafísica”. De acordo com ele, esse cânon construído pela tradição, o qual normatiza e estabelece critérios para determinar a essência do homem, “Não questiona a verdade do ser em si mesmo. Daí também nunca colocar a questão, de que modo a essência do homem pertence à verdade do ser. Essa questão, a metafísica ainda não colocou”. (HEIDEGGER, 1967, p. 39).

O pensador alemão, contrapondo-se a essa maneira de interpretar ser e homem, tenciona superá-la, uma vez que para ele o conhecimento metafísico



não distinguiu um do outro, isto é, não diferenciou o ser do ente. De acordo com Heidegger (1967, p. 39), “é certo que a metafísica representa o ente em seu ser e pensa assim o ser do ente. Todavia, ela não pensa a diferença entre eles.” Aliás, diferenciou, só que de modo insuficiente, porque em sua base de sustentação e, por conseguinte, sua divisão, está a racionalização. Nesta diferenciação, como informa o filósofo, o pensamento metafísico não apresenta a verdade ou o sentido do ser de maneira ontológica, pois no que diz respeito à verdade do ser, demonstra-a apenas de maneira ôntica, levando a compreender que essa seria a mais correta e precisa. Com isto, Heidegger afirma que há duas formas de entender a verdade e o ser: ôntica e ontológica. As duas estão envolvidas nesse jogo de interpretação e conceituação do ser e do homem.

## **2 Ôntico e Ontológico: verdades que dizem o ser e o homem.**

Esses dois jeitos de interpretar a verdade encontram-se na *alegoria da caverna* de Platão. De acordo com o pensador alemão (2012a, p. 137), “a filosofia de Platão não é senão a luta dessas duas concepções de verdade”, quer dizer, ôntica e ontológica. Uma, a ôntica, prevaleceu sobre a outra, a ontológica, mudando e orientando todo o pensamento ocidental. Desta prevalência é que fez surgir a metafísica enquanto conhecimento preso ao ente, achando com isto que se estava explicando o ser, pois o que ela produziu foi o esquecimento dessa diferença. Desse modo, referindo-se a Platão, Heidegger (1996, p. 96) assegura que, “[...] Através de toda a História da filosofia, o pensamento de Platão, ainda que em diferentes figuras, permanece determinante. A metafísica é platonismo”.

Por causa disso, a *alegoria da caverna* torna-se o modelo para que Heidegger lance suas críticas à metafísica, uma vez que para ele, o conhecimento metafísico surgido com Platão fomentou a rivalidade entre essas duas verdades, ocasionando no império ôntico, que resultou no fim do pensamento enquanto verdade do ser: “Toda a metafísica [...], fala a linguagem de Platão. A palavra fundamental de seu pensamento, isto é, a exposição do ser do ente, é *eidos, idéa*: a aparência na qual se mostra o ente como tal.” (HEIDEGGER, 1996, p. 104).

Assim, Martin Heidegger (1996, p. 78) propõe uma superação, significando não a destruição desse conhecimento metafísico e, sim, um salto em direção à verdade ou ao sentido do ser<sup>4</sup>. Em suas palavras, esta superação significa: “[...] um pensamento que pensa na verdade do ser não se contenta certamente mais

---

4 “Sentido do ser” e “verdade do ser” dizem a mesma coisa. (HEIDEGGER, 1996, p. 84).



com a metafísica; um tal pensamento também não pensa contra a metafísica". Por isso, conclui ele:

No pensamento da verdade do ser a metafísica está superada. Torna-se caduca a pretensão da metafísica de controlar a referência decisiva com o ser e de determinar adequadamente toda a relação com o ente enquanto tal. Esta 'superação da metafísica', contudo, não rejeita a metafísica. Enquanto o homem se compreender como *animal rationale* é ele um *animal metaphysicum*. Enquanto o homem se compreender como animal racional, pertence à metafísica, na palavra de Kant, à natureza do homem. (HEIDEGGER, 1996, p. 78).

Para Heidegger (2012b, p. 37), a metafísica apresentou a verdade ou o sentido do ser como sendo a verdade ou sentido de um ente e, por este motivo, mostrou o conceito de ser como sendo o "[...] mais universal e mais vazio", que já existiu em toda a história da filosofia. Por ser o *ser* o conceito mais universal e vazio, "[...] caiu no esquecimento", e isto é o que nos alega Heidegger (2012b, p. 37), ou seja, para este autor, a verdade ou o sentido de ser foi obscurecida porque a metafísica o tratou como se tratasse de um ente qualquer, objeto ou outra coisa.

Os filósofos e outros pensadores, através da metafísica, dissertaram acerca do homem em suas diversas modalidades: mítica, teológica, científica, filosófica etc. e, em todas essas concepções utilizaram de seus saberes para conhecer o ser, mas não da maneira como Heidegger (2012a, p. 137) a entendeu, visto que ele resgatou, restituiu, devolveu o significado originário de ser. Em suas colocações, isto significa: "concepção originária, a verdade como descobrimento". Segundo ele (2012a, p. 137), estas duas verdades: ôntica e ontológica, "apareceram entre os gregos", e esta constatação reforça que de há muito já se via esse convívio e conflito das verdades, cujo resultado implicou na sobressaída de uma das compreensões de verdade. Por causa disto, o filósofo alemão (2012a, p.137) faz a seguinte colocação: "Tal luta em Platão se encontra em todo o diálogo, mas, de forma mais aguda e elevada, na *alegoria da caverna*."

### **3 Ser é dizer homem.**

Diante disso, a filosofia ou a metafísica, a partir de Platão, fez uma confusão, ou seja, ela tratou o ser como se tratasse de um ente, e dir-se-á que ser é o conjunto dos entes, ou todos os entes reunidos. Neste ponto, Heidegger (1996,



p. 85) esclarece: “A metafísica diz o que é o ente enquanto o ente”, ou melhor, ela diz apenas aquilo que lhe compete, que é afirmar o ser como sendo ente. Por isto, compreender o homem para além de uma metafísica distingue Heidegger da tradição, pois o caminho que ele trilhará para essa tarefa implica em conhecer ser que, por sua vez, corresponde a colocar e dar primazia à questão sobre o sentido do ser, que fora esquecida quando tratou o ser como sendo um ente.

Essa questão em discussão, o sentido do ser, ganha fôlego com Heidegger, já que ele não apresenta algo novo, porém, algo que está encoberto, velado pela tradição. Com isto, seu intuito é fazer com que o ser seja desencoberto, desvelado. A palavra grega para determinar isto é  $\alpha\lambda\eta\theta\epsilon\iota\alpha$ . Aqui, o pensador de *Messkirch* (1996, p. 118), explica a aproximação e a importância que esse termo grego tem com a verdade, visto que “desvelamento do ser é o que primeiramente possibilita o grau de revelação do ente. Este desvelamento como verdade sobre o ser é chamado verdade ontológica”. Esta é a verdade propriamente dita, não desvinculada da outra verdade, a ôntica, porque ambas estão unidas, ao passo que, conforme Heidegger (1996, p. 120) “[...] a essência ôntico-ontológica da verdade em geral [...], somente é possível junto com a irrupção desta diferença”, ou seja, para ele isto não leva ao apoucamento de uma das verdades, porém sua interdependência, visto que uma depende da outra para poder ser.

Se o ser, para Heidegger, encontra-se encoberto, imaginemos o homem, permanecendo coberto por enxurradas de definições que, em si, não disseram o que o homem é. A respeito disto, o filósofo alemão afirma:

Ao perguntar pelo homem, vemos que, até agora, esta questão assumiu sempre a forma: o que é o homem? Nesta forma de perguntar, acha-se já embutida uma decisão prévia bem determinada. Já se decidiu que o homem é uma coisa, é algo, constituído desta ou daquela maneira, que possui tal ou qual componente que lhe pertence. Toma-se o homem como um ser composto de corpo, alma e espírito. Cada componente deste, pode-se, então, considerar isoladamente em determinada forma de questão. A biologia questiona o corpo do homem, da planta e do animal; a psicologia questiona a alma, a ética o espírito do homem. Tudo isso pode-se resumir numa antropologia. Todas essas disciplinas produziram grande quantidade de conhecimento sobre o homem. E, não obstante, não são capazes de responder à pergunta pelo homem. (HEIDEGGER, 2012a, p. 221).

Segundo o pensador alemão (1967, p. 38), “[...] essa determinação da essência do homem não é falsa [...] é condicionada pela metafísica.” Com base nisto, conforme Heidegger (1967, p. 40), “[...] resta perguntar, por fim, se



originariamente e antecedendo, decisivamente, a tudo, a essência do homem repousa na dimensão da *animalitas*." Por esta razão, ele (1967, p. 49) comenta que:

Em princípio, se pensa sempre o *homo animalis* ainda quando se põe *anima*, como *animus sive mens* e essa, como sujeito, como pessoa, como espírito. Esse pôr é o modo próprio da metafísica. Desse modo, a essência do homem é apoucada e nunca pensada em sua pro-veniência. A pro-veniência da essência do homem permanecerá sempre para a humanidade Histórica seu por-vir essencial. A metafísica pensa o homem a partir da *animalitas*. Ela não pensa na direção de sua *humanitas*. (HEIDEGGER, 1967, p. 40).

Quanto a isso, o pensador alemão preserva o homem de ser comparado de modo igual a um animal, dado que para Heidegger a essência do homem não implica em animalidade, porque o animal é o que é devido a uma estrutura que o condiciona em ser o que é. Esta estrutura é o ambiente que o traga, tornando-o uma mera parte de um todo, ou seja, Heidegger (2012a, p. 186) exime-se de compreender, com tal característica metafísica, o homem, já que "[...] sua referência e dependência do ambiente se encontra iluminada. Pois o homem compreende o ambiente como ambiente: e assim pode dominá-lo e moldá-lo". Com esta posição, o filósofo distingue a animalidade da humanidade, levando a entender, que o homem em nada se equipara a animal, em outras palavras, não há rastro sequer de animal algum na essência do homem. Por esta ocasião, ele – Heidegger – posiciona-se contrário a essa postura metafísica, que insiste e persiste em atribuir traços de animal no homem:

O animal se acha, em certa medida, banido para si mesmo, não tem consciência 'de si mesmo', mas tem uma outra relação e comportamento com o ambiente, de tal modo que se encontra tomado pelo ambiente com o qual se comporta instintivamente. Mas o ambiente é algo essencial para o animal, algo que pertence à sua essência. O animal está, ao mesmo tempo, banido em si e tomado pelo ambiente. A essência do organismo consiste justamente neste estar referido e dependente de um ambiente, mas, neste estar referido e dependente, ele se acha tomado e absorvido. (HEIDEGGER, 2012a, p. 186).

De acordo com Martin Heidegger (2012a, p. 186-187), o que discrimina o homem do animal, corresponde ao "[...] ato fundamental no modo de ser do homem [...], isto é, o acontecimento fundamental da verdade. Se não estivesse posto e colocado no acontecimento da verdade, o homem não poderia existir, ser



como homem.” Com esta explanação, o filósofo (2012a, p. 186) quer dizer que: “a maneira de ser homem, é a existência.”

#### 4 Platonismo: origem do humanismo ocidental?

Em virtude disso, provocou-se um desvio no itinerário rumo ao ser, isto é, o homem encontra-se sob grandes entulhos de conceitos que não o definiram em sua essência. No entanto, abordaram-no aparentemente. Heidegger interpreta que essa aparência seja o sombreamento apresentado por Platão na *alegoria da caverna*, assegurando que a tradição forjou o conceito para homem que, por conseguinte, cunhou o humanismo ocidental. A respeito disto, vale registrar a afirmação do filósofo Michael E. Zimmerman (1990), que em conexão com Heidegger, faz a seguinte colocação:

A doutrina da verdade de Platão iniciou o “humanismo”, ou seja, a visão segundo a qual a humanidade estabelece-se a si mesma como o ente dotado de autoridade entre os entes. O humanismo começou, portanto, o longo processo através do qual a humanidade compreendeu-se a si mesma não em termos de um relacionamento subserviente ao ser, mas em termos de um relacionamento de governança com os entes. (ZIMMERMAN, 1990, p. 265).

Na mesma direção de Zimmerman, comentando a *alegoria da caverna* platônica, Benedito Nunes (1992), citando a obra *Platons Lehre von der Wahrheit* de Heidegger, assim a transcreve:

O pensamento tocante ao ser do ente, que é um olhar dirigido para as ideias, torna-se “Filosofia”. Mas a “Filosofia”, que assim começa com Platão, tem, desde esse momento, o caráter que se chamará mais tarde de Metafísica. O próprio Platão nos apresenta, em suas grandes linhas, a figura da Metafísica nessa história que constitui o “mito da caverna”. (NUNES, 1992, p. 219).

E admite em acordo com Heidegger que: “No encadeamento dessas imagens centrais do platonismo, pode-se decifrar o começo simultâneo da Metafísica e do humanismo, de tal modo que o Livro VII de *A República* forma o primeiro capítulo da História do ser” (NUNES, 1992, p.219). Em razão disso, Heidegger (2008, p. 247) afirma: “[...] o começo da metafísica no pensamento de Platão é ao mesmo tempo o começo do ‘humanismo’”. Para este filósofo, Platão encarregou-se de informar que toda a realidade sensível, ou seja, material ou mundana,



corresponde ao reflexo do conceito de ideia. Em outros termos, pode-se dizer: ultrassensível, transcendental, racional, espiritual etc. O pensamento platônico deteve-se em apresentar a ideia em detrimento do real, posto que para Platão, o real não passa de uma aparência ou sua sombra, ou melhor, não passa de verdade ôntica. Em Platão, as duas verdades, ôntica e ontológica, sofrem uma bifurcação, provocando e confirmando a dualidade antagônica que existe entre elas. Esta antagônica dualidade é mostrada através de uma linguagem mitológica: luz (sol, fogo) e sombra (escuro). Tudo isto, para dizer que a *alegoria da caverna* é o lugar onde se encontram, de maneira bifurcada, as duas verdades, uma representada por luz, a ontológica ou a ideia; e a outra a sombra, a ôntica. Heidegger (2012a, p. 174) menciona o motivo pelo qual ele se deteve em investigar a filosofia de Platão: “[...] Nós nos ativemos à filosofia de Platão, mas não por apreciá-la de modo especial e sim por ser ela o ponto nodal de toda filosofia grega. Não é por acaso que se caracterize a filosofia platônica como a doutrina das ideias”, ou seja, para o pensador alemão (2012a, p. 174) o que está em jogo nessa filosofia: “[...] trata-se de saber se, assim, chegamos a uma compreensão da essência da verdade.” Para esclarecimento desta informação, Heidegger afirma:

De imediato e na maioria das vezes, o homem nem desconfia que tudo que para ele vale corriqueiramente como “o real”, ele o vê sempre apenas sob a luz das “ideias”. O que se presume ser a única coisa real, o real de modo próprio, o imediatamente visível, audível, apreensível, calculável, segundo Platão, continua sendo sempre apenas o assombramento da ideia e, por conseguinte, uma sombra. [...], o caráter de sombra, mantém o homem cotidianamente em um cativeiro. (HEIDEGGER, 2008, p. 226).

### **5 Caverna: lugar de onde surge o homem?**

Platão descreve a situação em que se encontram os homens no fundo da caverna dessa maneira: homens mantem-se acorrentados na profundidade de uma caverna escura, cujos corpos não mexem para lado algum, em virtude de estarem fitos à fundura da mesma; também seus olhos enxergam apenas sombras, que se movem aleatoriamente sem sentido e sem explicação. Desse modo, Platão expõe, de forma alegórica, o estado em que se encontra o homem na caverna. O contexto que esses homens estão inseridos faz com que eles não consigam libertar-se das correntes, pois seus esforços são mínimos e insignificantes e, assim, continuam presos à caverna, porém com desejo de saírem da escuridão. Disso, chega-se à conclusão de que esses prisioneiros não se preocupam com a essência das coisas, ou melhor, limitam-se apenas às imagens mostradas pelo fundo da caverna opaca.



Heidegger (2012a, p.136) situa a *alegoria da caverna* como sendo “[...] o centro da filosofia platônica”, e, assim, afirma:

Platão fala sempre em mito (μῦθος), quando sua filosofia quer dizer algo essencial, de mais penetrante e profunda. [...]. É claro que esta interpretação não pode ser levada a cabo sem um conhecimento real da língua, sem um domínio da filosofia de Platão, sem uma familiaridade com a presença grega em geral. Para nós, não se trata de uma introdução no modo de proceder, nem de um controle dos meios para interpretar os diálogos de Platão, mas de despertar e impor a questão sobre a essência da verdade. (HEIDEGGER, 2012a, p. 136).

Nisso consiste a tarefa do filosofar, que é fazer com que o homem emergja da escuridão, cuja propedêutica conceitual implica para Heidegger em: “O primeiro passo filosófico na compreensão do problema do ser consiste em [...] não contar estórias [...]: não determinar a proveniência do ente como ente, reconduzindo-o a um outro ente, como se ser tivesse o caráter de um ente possível.” (HEIDEGGER, 2012b, pp. 41-42).

Este ato transcende a realidade com a qual o filósofo se depara, pois este é aquele cujo desejo implica em sair do cárcere dos homens comuns, que estão mergulhados cegamente na cotidianidade de suas vidas. Podemos concluir, em acordo com Heidegger, que estes vivem sem pensar o viver. Estes homens são meros fantoches manipulados por forças que os levam a não reconhecerem o que verdadeiramente são – homens –, pois o que se quer mostrar ao que concerne a esse é somente sombras, aparências, opiniões etc. Estas forças controladoras remetem à metafísica, que fez com que o homem fosse compreendido mediante uma ideia. Heidegger (2012a, p. 143) em atenção a isso, ratifica-nos que o estado no qual se encontra o homem platônico “[...] trata-se de uma situação de todo estranha e curiosa em que esses homens se encontram. Glauco a chama de *στονον*, uma situação que não tem lugar algum”. Desse modo, o autor encerra seu raciocínio, afirmando:

A situação cotidiana do homem, não é uma falta, exclusão ou exceção, mas é a situação do homem em todo dia, na medida em que está entregue ao falatório e à conversa mole, abandonado ao usual, ao imediato, ao cotidiano, ao que é corriqueiro. No cotidiano, o homem esquecido de si mesmo se perde no atropelo das coisas. (HEIDEGGER, 2012a, p. 143).

Com essa atitude, o sair da caverna, para Heidegger, significa o desejo por



uma autêntica humanidade, que se encontra sem identidade, sem conhecer a si mesma, porque está mergulhada e embaralhada aos afazeres ordinários. De acordo com o pensamento do filósofo alemão, é através do conhecimento da verdade do ser que o homem consegue se desvencilhar dessa situação, que o encarcera, ou melhor, que o compara e o mistura com todos os entes. Sem o recurso da verdade do ser, o homem permanecerá imerso e condenado à escuridão. Escuridão que para Heidegger não diz respeito à ignorância, à falta de conhecimento, mas à ausência e esquecimento do sentido ou da verdade do ser. Por este motivo, o pensador alemão, no que diz respeito a verdade, afirma:

A verdade e a abertura do que propriamente é não se dão em si, como não há ideias em si, mas a abertura se dá e só se dá numa conexão intrínseca e essencial com o homem. Somente enquanto o homem existe, numa determinada história, é que se dá sendo e acontece verdade. Não há nenhuma verdade em si, mas verdade é sempre decisão e destino do homem, é algo humano. (HEIDEGGER, 2012a, p. 181).

A partir disso, Heidegger não está querendo dizer que a verdade é subjetiva ou produto estritamente humano. Ele esclarece, dizendo que:

Não é que hominizamos a essência da verdade, mas, ao contrário, nós determinamos a essência do homem a partir da verdade. O homem se deslocou para os diferentes graus da verdade. A verdade não é transferida para o homem, mas é o homem que está na verdade. (HEIDEGGER, 2012a, p. 184).

De acordo com o pensador, a luz que se busca em oposição à escuridão, nada tem a ver com o alvorecer da razão, pois isto implica a homem igual a animal racional. Todavia, para o filósofo alemão essa luz que se almeja é a verdade ou o sentido do ser. A hermenêutica que Heidegger (2012a, p. 154) faz a esse respeito, utilizando-se do próprio Platão, ratifica que a caverna é o próprio homem que se esqueceu de si mesmo, projetando-se ao desconhecido, inefável, inaudito da metafísica. Em seus termos: "a caverna simboliza o homem vivendo na terra debaixo da abóbada celeste. Nós estamos, de certo modo, numa caverna. O fogo da caverna é o sol. As sombras são as coisas com que lidamos". Ele – Heidegger – afirma que a verdade para Platão, aqui, tematizada por homem, atinge sua compreensão plena naquele mundo denominado de transcendental ou das ideias. Para Platão, esclarece Martin Heidegger (2012a, p. 155): "o sol não é senão a ideia suprema, a ideia do bem". Para ilustrar esse entendimento, Ernildo Stein (1976), referindo-se a essa ideia, entende-a como:



O modelo de toda perfeição; sua existência no mundo sensível não interessa a Platão [...] para que algo seja, deve estar limitado, configurado, definido. Uma coisa se define, delimita, pela sua essência. Esta se chama, em Platão, ideia. (STEIN, 1976, p. 38).

E é desse jeito que o homem ascende, ou melhor, deixa a sensibilidade das coisas, as quais são só sombras ou meras aparências da realidade originária e primária, mencionada por Platão. A atividade filosófica, a partir dessa elevação, deixa, de modo lento, o viver cotidiano para cair na imensidão do mundo não-sensível e, conseqüentemente, alcançar o tão almejado significado de homem, que se encontra nesse mundo das ideias. Aqui, o homem plenifica-se, ou seja, torna-se verdadeiramente homem. Com base nisso, Heidegger (2008, p. 248) não hesita em ratificar que Platão substitui ser por ideia, deixando a investigação do ser de lado para se dedicar a investigação do ente. Por este motivo, ele propõe, para salvaguardar o homem desse embargo metafísico imposto pelo filósofo grego, sua “redenção”. Em seus termos, isto significa: “[...] no âmbito de uma fixa estruturação metafísica fundamental do ente, sempre está em questão libertar o “homem”, determinado a partir daí como o animal *rationale*”. Nesta mesma linha de pensamento, Thomas Ransom Giles (1989, p.112) declara que: “[...] depois de Platão, pensa Heidegger, a Filosofia desviou-se tornando-se Metafísica. Ela perdeu, portanto, e mesmo esqueceu o ser para agarrar-se ao ente por não saber distingui-los”.

Com essa postura, Heidegger quer dizer que Platão não apresenta a verdade do ser como ela deveria ser, posto que junto com *eidos* ou ideia, o filósofo grego dá sua parcela de contribuição para a história da filosofia, desvirtuando o sentido e verdade do ser, que não passará de uma aparente verdade ou verdade ôntica. Por causa disso, no decurso histórico do pensamento surgiram outros nomes em substituição à ideia platônica, que por sua vez não acarretará em outro significado, porém sempre o mesmo oriundo da caverna: *quidditas*, *essentia* etc., e isso é motivo para Heidegger afirmar que a redenção do homem dá-se com o desvelamento do ser, conduzindo-nos a entender que o homem platônico chega à humanidade a partir da aurora da razão. Esta compreensão platônica de homem leva a crer que se modificou o rótulo, porém o conteúdo continua o mesmo. Na mesma lógica de raciocínio de Heidegger, Giles (1989, p.112) afirma: “[...] trata-se agora de abrir a passagem da metafísica para o pensamento da verdade do ser”. Quanto ao animal dotado de razão, chamado homem, conheceremos como adquiriu tal destreza no desenrolar da História do Ocidente, ou melhor, da metafísica e, conseqüentemente, da História do ser.



## Conclusão

O artigo procurou apresentar o surgimento do humanismo ocidental, dando a entender que foi suscitado, concomitantemente, com o platonismo. Isto implica que, com Platão, o ser humano começa a ganhar um sentido, pois é ele o ser dotado de razão. Nisto está depositada a sua compreensão enquanto único ente na/da terra com essa capacidade. Diante disso, Heidegger, por sua vez, compreende o ser humano somente à medida que este está ligado ao ser. Desta forma, o ser passa a ser critério para determinar humanidade, isto é, o homem para se compreender como tal, harmonicamente tem que estar amalgamado ao sentido ôntico-ontológico da verdade e sentido do ser.

Vimos que Heidegger rompeu com a tradição que pensou o homem a partir de sua essência universal concebida de maneira igual a um animal dotado de razão. Esta argumentação se desenvolve e se alicerça no paradigma metafísico que, por sua vez, descreve e carrega em seu bojo toda a história ocidental do ser, arquitetada desde a Antiguidade, Idade Média, Moderna e Contemporânea, chegando a atingir seu ápice com o advento da técnica. Com essa posição, fica decretado o "fim" ou enfraquecimento do pensamento, posto que ele não tem o mesmo elã, a mesma força dantes tratada.

Sob essa nova compreensão o homem se apresenta como um projeto, que está sempre aberto para conhecer o ser, ou melhor, o homem é aquele que está sempre por vir a ser, através de suas possibilidades. Por essa razão, o assunto não deve chegar de novo a uma determinação metafísica de homem. A presente abordagem, com base no pensamento de Heidegger, se limita, porém, à compreensão de que as tentativas de se definir ou redefinir o homem tornam-se, permanentemente, tentativas frustradas, pois pretendem apenas demonstrar uma continuação errônea do homem como um ente pertencente ao mundo. Com isso, ele não se determina, não se define, é um inconcluso, e nele (homem) está assentado o enigma que é ser. Portanto, tanto o homem como o ser passam a ser enigmáticos perante essa dinâmica de conhecer-sendo, uma vez que ambos vão se compreendendo-acontecendo, ou melhor, existindo.



## REFERÊNCIAS

GILES, Thomas Ransom. História do existencialismo e da fenomenologia. São Paulo: EPU, 1989.

HEIDEGGER, Martin. Conferências e Escritos Filosóficos. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção OS PENSADORES).

\_\_\_\_\_. Marcas do caminho. Tradução de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos).

\_\_\_\_\_. Ser e tempo. Tradução revisada e apresentação de Márcia de Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012b, 7ª ed.

\_\_\_\_\_. Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade. Tradução Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: editora Universitária São Francisco, 2012a, 2ª ed.

\_\_\_\_\_. Sobre o humanismo. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1967.

NUNES, Benedito. Passagem para o poético – Filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1992.

STEIN, Ernildo. Melancolia: ensaios sobre a finitude no pensamento ocidental. – Porto Alegre: Editora Movimento, 1976. – (Coleção Dialética, vol. 4).

ZIMMERMAN, Michael E. Confronto de Heidegger com a Modernidade: tecnologia, política e arte. Tradução João Sousa Ramos. Lisboa (Portugal): Instituto Piaget, 1990. (Coleção Pensamento e Filosofia).